

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS  
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
PRÁTICA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE  
CURSO DE LICENCIATURA

AS PAISAGENS AFETIVAS DE PORTO ALEGRE - RS SOB A PERSPECTIVA DE  
SEUS MORADORES

PAULA BRAGA FAGUNDES

Porto Alegre  
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS  
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
PRÁTICA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE  
CURSO DE LICENCIATURA

AS PAISAGENS AFETIVAS DE PORTO ALEGRE - RS SOB A PERSPECTIVA DE  
SEUS MORADORES

PAULA BRAGA FAGUNDES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Comissão de Graduação em Ciências  
Biológicas da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul para a obtenção do grau de  
Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof. Dra. Russel Teresinha  
Dutra da Rosa

Porto Alegre

2018

PAULA BRAGA FAGUNDES

AS PAISAGENS AFETIVAS DE PORTO ALEGRE - RS SOB A PERSPECTIVA DE  
SEUS MORADORES

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado  
pela Banca Examinadora para a obtenção do  
grau de Licenciado em Ciências Biológicas  
pela Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul.

Porto Alegre, 04 de julho de 2018

Banca examinadora:

---

Prof. Dra. Russel Teresinha Dutra da Rosa

---

Prof. Dra. Camila Bolzan de Campos

---

Prof. Dr. João Farias Rovati

## **Agradecimentos**

A todas pessoas que colaboraram para a realização deste trabalho, aos que dispuseram de seu tempo para as entrevistas e para responder o questionário, aos que compartilharam com outras pessoas, meu muito obrigada!

A Russel, pela parceria em topar a ideia do trabalho sobre um assunto que pouco conhecíamos, mas que fomos descobrindo com grande entusiasmo! Obrigada por toda ajuda e carinho com que me orientaste.

A Helena, minha fiel escudeira, por ter me guiado e realizado as entrevistas iniciais junto comigo, por estar sempre perto mesmo longe e pela nossa amizade.

Ao Raffa, minha dupla, pelo apoio, amor, carinho e melhorias no texto.

A banca examinadora Prof. Dra. Camila Bolzan de Campos e ao Prof. Dr. João Farias Rovati pela disponibilidade e pelas contribuições ao aperfeiçoamento desta monografia.

***O Mapa***

*Olho o mapa da cidade  
Como quem examinasse  
A anatomia de um corpo...*

*(É nem que fosse o meu corpo!)*

*Sinto uma dor infinita  
Das ruas de Porto Alegre  
Onde jamais passarei...*

*Há tanta esquina esquisita,  
Tanta nuança de paredes,  
Há tanta moça bonita  
Nas ruas que não andei  
(E há uma rua encantada  
Que nem em sonhos sonhei...)*

*Quando eu for, um dia desses,  
Poeira ou folha levada  
No vento da madrugada,  
Serei um pouco do nada  
Invisível, delicioso*

*Que faz com que o teu ar  
Pareça mais um olhar,  
Suave mistério amoroso,  
Cidade de meu andar  
(Deste já tão longo andar!)*

*E talvez de meu repouso...*

(Mário Quintana)

## **Resumo**

A cidade é um lugar complexo e com alta demanda de recursos, excesso de resíduos e poluição. Este cenário crítico é a principal forma de representação do ambiente urbano em livros didáticos endereçados aos estudantes da Educação Básica. As cidades configuram-se como ecossistemas que abarcam além de aspectos físicos e biológicos, a dimensão humana de seus habitantes, com suas individualidades e coletividades, expressões culturais, assim como as formas desiguais de organização socioeconômica, de participação e de exclusão social. Porém, ao mesmo tempo que percebemos o ambiente urbano como problemático, não é difícil pensar em artistas que declaram seu amor pelas cidades em músicas, livros e filmes. O presente estudo assume que estratégias de conservação ambiental passam pela sensibilização da população para a valorização dos ecossistemas, sendo, portanto, importante conhecer o valor afetivo desse ambiente para os seus habitantes de forma a subsidiar práticas pedagógicas, especialmente na Educação Básica, a qual costuma negligenciar o ecossistema urbano. Este trabalho objetivou identificar locais na cidade de Porto Alegre que tenham importância para seus habitantes, os quais denominamos Paisagens Afetivas, e compreender os motivos pelos quais despertam afetos. Através de um questionário online foram coletadas 153 respostas de moradores de Porto Alegre, que resultaram em 226 relatos sobre os motivos que os levaram a lembrar de 61 Paisagens Afetivas da cidade. A partir destes relatos, foram construídas doze categorias de motivos para a escolha de lugares de afeto. A Paisagem Afetiva de maior destaque foi a Redenção (Parque Farroupilha), seguida pelo Lago Guaíba. Os motivos relacionados a “Fase de Vida”, “Lazer”, “Estética”, “Natureza” e “Relações de Afeto” foram os mais frequentes.

Palavras-chave: Ambiente urbano, afeto, relação pessoa-ambiente, educação ambiental.

## Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	6
1.1 O ambiente urbano.....	7
1.2 A visão socioambiental.....	8
1.3 Lugares/Mapas/Paisagens afetivas .....	9
1.4 Objetivos.....	10
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	11
2.1 Coleta de dados .....	11
2.2 Análise dos dados .....	11
3. RESULTADOS .....	12
4. DISCUSSÃO .....	20
4.1 Categorias de motivos para a escolha das Paisagens Afetivas .....	20
4.2 Paisagens Afetivas de Porto Alegre que se destacaram .....	26
4.3 Reflexos na Educação Ambiental.....	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	31
6. BIBLIOGRAFIA .....	31
7. APÊNDICE A .....	35

## 1. Introdução

Este trabalho nasceu da vontade de entender como enxergamos a nossa cidade e como nos relacionamos com ela. Esse pensamento me acompanha há alguns anos desde que presenciei e participei de movimentos que nasciam da insatisfação, principalmente por parte dos jovens, sobre as formas de se relacionar com a cidade de Porto Alegre-RS. Foram questionamentos sobre locais históricos da cidade que tinham seu valor esquecido pelo poder público e, de certa forma, pela própria população. Estes questionamentos resultaram em luta e em uma onda de eventos que ocuparam as ruas em defesa de espaços e direitos dos cidadãos. Porém, o estalo para uma pergunta orientadora da pesquisa surgiu meses atrás, quando tive a experiência de trabalhar em um café-floricultura em Porto Alegre. Era incrível como as pessoas ficavam maravilhadas com o local cheio de plantas e comentavam que ali era um oásis no meio da cidade. Eu não ficaria surpresa com tal reação, exceto pelo fato do local estar localizado *em frente* a um dos principais parques da cidade, a Redenção (Parque Farroupilha)<sup>1</sup>. Para mim ficou claro que o espaço do Café representava mesmo um oásis, mas não era apenas pelo “verde” e o pouco de “natureza” que ofertava. Passei a me questionar o que tinha ali naquele pequeno espaço que talvez não tivesse no imenso parque atravessando a avenida e, deste questionamento, surgiu a ideia para este trabalho.

Tanto na Educação Básica e no Ensino Superior, quanto nos espaços de educação informal, as cidades são pouco trabalhadas pelo olhar ambiental, ou melhor, pelo olhar *socioambiental*. Estudamos biomas brasileiros, sabemos a diversidade colorida que guardam e os animais que correm risco de extinção. Chegam até nós informações difundidas por Organizações não Governamentais (ONGs) que trabalham para salvar a Amazônia e a Mata Atlântica, na televisão temos fácil acesso a documentários sobre a savana africana e a Antártida. Mas o que sabemos sobre o ambiente urbano, lugar que mais da metade da população mundial chama de casa?

As principais informações que circulam sobre as cidades são sobre a grande concentração de pessoas, a desigualdade social, a imensa geração de resíduos, que contaminam o solo e a água e o excesso de veículos que causam poluição sonora e do ar. Estudamos um pouco da história das cidades, na escola, e entramos em contato no

---

<sup>1</sup> Apesar do seu nome oficial recebido em 1935 em função da Exposição do Centenário Farroupilha, o parque é comumente chamado pela população por Redenção, devido ao seu nome anterior, Campos da Redenção, dado em 1884 em comemoração à abolição da escravidão na cidade (SMAM, 2018).



cotidiano com vestígios dessa história através de monumentos e prédios importantes, mas pouco sabemos sobre a história dos bairros, como eram antes da colonização, como foram ocupados e por quais transformações passaram ao longo do tempo. Não paramos para analisar o resultado do planejamento urbano ou a sua falta. Os locais movimentados e os esquecidos. A forma como nos locomovemos, o que é perto e o que é longe, quem tem mais acesso às facilidades e aos serviços públicos. É preciso conhecer e entender esta “selva de pedra” construída por nós e para nós em seus vários aspectos. Pois todos eles também fazem parte do que é nosso ambiente.

Pensar em ambiente urbano, hoje em dia, vai além do desejo de uma cidade arborizada e despoluída, é pensar no bem-estar dos seus habitantes e isto requer abordagens interdisciplinares tanto na Educação Ambiental quanto no planejamento da cidade. Entender o que é importante para os cidadãos, estudar e considerar sua história e cultura é um passo rumo à cidade acolhedora que sonhamos, pois, conservação ambiental pressupõe valorização e conhecimento do ambiente, em todas as suas dimensões.

### *1.1 O ambiente urbano*

Apesar de não ser a primeira imagem que nos vem à cabeça quando pensamos em ecossistemas, os centros urbanos – onde vivem 55% da população humana mundial (UN, 2014) - têm as características necessárias para compor um. As cidades podem, inclusive, ser tão ou mais complexas em relação ao fluxo de energia e ricas em espécies de seres vivos do que áreas “naturais” (JACOBI, 2014). Evidentemente o desenvolvimento do ecossistema urbano se dá de forma diferente dos demais já que a alta densidade de organismos e as modificações do meio fazem com que alguns processos e relações ecológicas sejam mais intensos (JACOBI, 2014).

O que caracteriza esses ambientes são as altas demandas de consumo que frequentemente envolvem recursos – água, alimento e energia – vindos de espaços externos superiores à sua área e o excesso de resíduos e poluição, muitas vezes exportados para fora da cidade (CIDIN; SILVA, 2004). Por outro lado, os aglomerados urbanos são potencialmente mais sustentáveis do que áreas rurais em pontos como menor fecundidade humana e maior eficiência no uso da terra e do transporte (MARTINE, 2007).

Por mais artificiais que as cidades possam parecer, os fatores ambientais estão sempre atuando e fazem parte da vida urbana no seu dia-a-dia, mas acabam sendo notados apenas em situações críticas como em problemas de poluição, alta demanda de recursos

e excesso de resíduos. Por consequência, este é o principal cenário representado em livros didáticos (DUARTE, 2014), perpetuando a ideia de que isto é tudo o que a cidade pode nos oferecer. O curioso é que, ao mesmo tempo que percebemos a cidade como este lugar complexo, intenso, cheio de contrastes e que acumula problemas, não é difícil pensar em grandes cidades cujos habitantes declaram seu amor (e, por vezes, decepção) em letras de músicas, romances e poemas.

Assumindo que estratégias de conservação passam pela valorização dos ecossistemas, é necessário compreendermos que o meio urbano vai além das definições dos conceitos físicos e biológicos, pois há outras dimensões a serem contempladas do ponto de vista humano, como a cultura e a organização da sociedade. É, portanto, importante conhecer o valor afetivo desse ambiente para os seus habitantes de forma a subsidiar práticas pedagógicas sustentáveis, especialmente na Educação Básica, a qual costuma negligenciar o ecossistema urbano.

### *1.2 A visão socioambiental*

Uma visão socioambiental requer abordagens que atravessem fronteiras disciplinares. A proposta de olharmos para o meio ambiente de forma interdisciplinar não é nova, vem sendo tratada nas últimas décadas e trouxe novas dimensões para a Educação Ambiental, a Sustentabilidade, a Psicologia Ambiental, entre outras áreas. A visão socioambiental, resultante dos movimentos sociais e ecológicos, principalmente a partir dos anos 1990, entende o meio ambiente como um bem coletivo e um direito, presente no dia-a-dia dos cidadãos.

No cenário mundial, este movimento de ampliação dos conceitos relacionados ao meio ambiente, principalmente ao que diz respeito à sustentabilidade, tem um claro exemplo nas estratégias da Organização das Nações Unidas (ONU). Ao lançar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), definidos para os anos de 2000 a 2015, a sustentabilidade ambiental figurava apenas como um entre oito objetivos. Na versão ampliada de 2015 a declaração englobava 17 pontos, agora todos nomeados Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) (ONU, 2015). No Brasil, que muitas vezes esteve na vanguarda destes movimentos e foi anfitrião da Rio 92, estas ideias refletem na legislação brasileira, especificamente ao que se refere à Educação Ambiental, onde destaca-se a Lei nº 9.795 de 1999, regulamentada pelo Decreto nº 4.281, de 2002 (BRASIL, 2002), que institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). Esta lei aprofunda o entendimento da Educação Ambiental (EA), deixando de lado práticas e

visões mais reducionistas e afirma a EA como um elemento estruturante da educação em todos os níveis e não apenas um tipo específico desta. Além disso, propõe uma superação da visão mais naturalista e dicotômica de quando a EA surgiu e busca a ressignificação da relação humanidade-natureza ampliando-a para uma relação mais simétrica entre sociedade e processos naturais, ou seja, uma visão socioambiental.

Esta definição onde se insere a EA fica ainda mais clara no parecer do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno nº14 de 2012, p.9:

A visão socioambiental complexa e interdisciplinar analisa, pensa, organiza o meio ambiente como um campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais, no qual todos os elementos constitutivos dessa relação modificam-se dinamicamente e mutuamente. Tal perspectiva considera o meio ambiente como espaço relacional, em que a presença humana, longe de ser percebida como extemporânea, intrusa ou desagregadora, aparece como um agente que pertence à teia de relações da vida social, natural, cultural, e interage com ela (Parecer CNE/CP n. 14/2012).

Nessa perspectiva mais agregadora, a EA propõe uma abordagem complexa e interdisciplinar, visando interações nas diversas dimensões da vida, tanto biológicas, quanto sociais, políticas e culturais, colocando-se como uma atividade que envolve valores, interesses e visões de mundo. Ela não é neutra, pelo contrário, é um importante instrumento para uma cidadania mais participativa, crítica, responsável e transformadora do meio, sendo ele natural ou construído (BRASIL, 2012 Resolução CNE/CP nº2). O conceito de EA no Brasil e América Latina está ligado a uma cultura tão própria que por mais relevantes que sejam as estratégias propostas pela ONU para o cenário mundial, os educadores brasileiros chamam a atenção para o dúbio e questionável conceito de “desenvolvimento sustentável”, de tendência economicista, e defendem o conceito de “educação ambiental” concebido no país, fortemente vinculado à ideia de se trabalhar por “sociedades sustentáveis” e não para o “desenvolvimento sustentável” (LAYRARGUES, 2012). E é essa EA que vemos como um instrumento essencial para desenvolver o olhar e ações voltadas à melhoria da qualidade de vida nos grandes centros urbanos. (CARVALHO, 1998).

### *1.3 Lugares/Mapas/Paisagens afetivas*

Estes termos são utilizados em diversos temas de estudo em trabalhos acadêmicos, transitam pelas artes (MULLER, 2012) e pela psicologia (ALENCAR, 2010). Em comum, trazem o olhar para a paisagem como experiência, o pano de fundo da narrativa

de uma vida real ou da ficção. As histórias de vida são inevitavelmente cheias de fatos e impressões sobre diferentes lugares. Daremos o nome de Paisagem Afetiva (PA) para lugares abertos ao público – naturais ou construídos – do município de Porto Alegre que figuram na memória afetiva de seus habitantes.

A identificação destes lugares visa compreender a relação atual dos moradores com a cidade. E cabe aqui ressaltar a interessante diferença entre as palavras “lugar” e “espaço”: de forma simplificada, o termo espaço é compreendido como o aspecto puramente físico do ambiente, enquanto lugar é aquele espaço físico ao qual as pessoas atribuem algum sentido. O espaço é uma superfície a ser explorada. O lugar é onde ocorre o processo de troca entre os seres humanos e essa superfície, onde expressam suas percepções e vivências. Esta relação transforma o espaço em lugar, e constitui o valor que atribuímos a ele através da nossa vivência (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011).

Bomfim (2015) explica que a afetividade dos habitantes pela cidade é um indicador de ética e cidadania. As cidades, como se fossem pessoas, podem ser estimadas pelos seus habitantes, ou não. Quando existe um sentimento de agradabilidade e de pertencimento, o desenvolvimento de relações e ações comunitárias é facilitado. O oposto ocorre quando o sentimento de insegurança ou de muitos contrastes predomina. Para que as pessoas se importem e participem da cidade, elas precisam sentir que pertencem aquele lugar, precisam que a cidade seja uma extensão de sua identidade. Por este motivo os locais de afeto dos porto-alegrenses podem ser chave para a sensibilização de outros moradores que ainda não se relacionam desta forma com a cidade e que, uma vez percebendo o encanto de algumas paisagens urbanas, possam sentir-se como parte do lugar, e tornarem-se agentes das mudanças no sentido de enfrentar coletivamente os problemas urbanos tantas vezes relatados. Como trabalhar a afeição à cidade onde se vive quando todas informações que nos chegam são negativas? Existem refúgios urbanos que ainda estimamos e onde nos sentimos acolhidos? A partir destas reflexões, proponho os objetivos deste trabalho.

#### *1.4 Objetivos:*

Objetivo geral:

- Identificar locais na cidade de Porto Alegre que tenham importância afetiva para seus habitantes e compreender os motivos pelos quais estes locais despertam tal afeto.

Objetivos Específicos:

- Sensibilizar o olhar para a cidade, a fim de subsidiar a Educação Ambiental no ambiente urbano;
- Disponibilizar um acervo de paisagens afetivas da cidade e de motivos para elegê-las que podem ser explorados em práticas pedagógicas de promoção de sustentabilidade socioambiental.

## **2. Procedimentos Metodológicos**

### *2.1 Coleta de Dados*

O questionário (APÊNDICE A) foi desenhado na plataforma do Google Forms, com 35 questões, objetivas e discursivas. As primeiras perguntas (questões 2 a 6) destinaram-se a descrever o entrevistado quanto à idade, sexo, escolaridade, profissão e cidade natal. As perguntas seguintes (questões 7 a 14) estavam relacionadas a relação do morador com a cidade de Porto Alegre, como o bairro de residência e o tempo de moradia. Por último, as questões 16 a 24 tratavam das Paisagens Afetivas escolhidas pelo entrevistado, que poderia relatar sobre uma (questões 16 a 24) ou sobre duas paisagens (questões 25 a 35). Assim, as questões seguintes (25 a 35) eram opcionais. Consideramos Paisagem Afetiva (PA) qualquer espaço aberto ao público do município de Porto Alegre - RS, seja ele construído ou natural, aberto ou fechado. Pedimos que os respondentes escrevessem sobre locais relevantes para si e que tivessem alguma relação afetiva (positiva ou negativa), podendo ser uma relação antiga ou recente com o local.

Em uma primeira fase como estudo piloto, antes da divulgação dos questionários na Internet, foram realizadas entrevistas presenciais, para avaliar a adequação do questionário e ajustar as questões para melhor compreensão e resposta autônoma no formato online. Assim, na fase seguinte, compartilhamos o questionário online em redes sociais da pesquisadora e da orientadora e em grupos de bairros no Facebook. O questionário ficou disponível por 14 semanas para todos que tivessem interesse em participar voluntariamente pudessem responder. O único requisito para responder ao questionário era ser morador atual de Porto Alegre - RS.

Tanto o estudo piloto quanto os questionários online foram coletados através de Amostragem por Conveniência, um tipo de amostragem não probabilística, bastante utilizada em estudos exploratórios (OCHOA, 2015). Os indivíduos não foram previamente selecionados através de um critério estatístico, pelo contrário, os indivíduos que participaram foram aqueles que estavam disponíveis para responder ao questionário.

A escolha desta modalidade de amostragem deu-se pela maior facilidade de distribuição do mesmo (GUIMARÃES, 2008).

## 2.2 *Análise dos Dados*

Para a caracterização do perfil dos entrevistados e de sua relação com Porto Alegre foram utilizadas as questões 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9 e 12 do questionário (APÊNDICE A), cujas respostas foram quantificadas quanto à frequência. O mesmo se deu para analisar as Paisagens Afetivas (PAs) mais citadas nas questões 16 e 25. Para a análise do motivo de relevância das PAs, foi avaliado o conteúdo dos relatos para a pergunta “Por que esta paisagem é relevante para você?” (questões 17 e 26). A partir da análise das justificativas recorrentes apresentadas foram criadas 12 categorias de motivos para a escolha da paisagem afetiva (Quadro 1). Posteriormente, os relatos foram classificados nessas categorias. O enquadramento dos relatos em cada categoria buscou os sentidos mais explícitos ali expressados, assim, cada um dos relatos foi classificado em uma a cinco categorias. Nos casos em que a resposta foi insuficiente, foram consultadas as respostas das perguntas “Qual sentimento este local desperta em você?” e “Escolha três palavras que sintetizem este local”.

## 3. **Resultados**

Foram realizadas cinco entrevistas presenciais para o estudo piloto e coletadas 153 respostas de moradores de Porto Alegre através do questionário online. Devido ao método de distribuição dos questionários, que se deu a partir das redes de contatos da pesquisadora e de sua orientadora, o perfil dos respondentes constituiu-se principalmente por mulheres (82%), naturais de Porto Alegre (68%), pós-graduadas (61%) e moradoras da região central da cidade (55%). Abaixo apresentamos em maior detalhe o perfil dos entrevistados:

Sexo: 125 (82%) pessoas entrevistadas declararam ser do sexo feminino, 27 (18%) declararam ser do sexo masculino e uma pessoa (menos de 1%) marcou a opção “Outro” e declarou ser “agênero”.

Idade: A maior parte dos entrevistados – 38 pessoas (25%) - está na faixa etária dos 28 aos 33 anos de idade (Tabela 1). Não houve respondentes menores de 18 anos ou acima de 78 anos.

Tabela 1 - Número de respondentes por faixa etária.

Faixa etária	n	%
Até 18 anos	0	0
18 - 23 anos	8	5
23 - 28 anos	11	7
28 - 33 anos	38	25
33 - 38 anos	16	10
38 - 43 anos	6	4
43 - 48 anos	11	7
48 - 53 anos	21	14
53 - 58 anos	18	12
58 - 63 anos	12	8
63 - 68 anos	5	3
68 - 73 anos	4	3
73 - 78 anos	3	2
Acima de 78	0	0

Quanto ao local de nascimento, 104 (68%) entrevistados são naturais de Porto Alegre e 32 (21%) de outras cidades do Rio Grande do Sul. Entre os demais, 15 (10%) são provenientes de outros estados e 2 (1%) de outros países. Do total de entrevistados 90 (59%) relataram já ter morado fora da cidade em algum momento.

Escolaridade: Todos os entrevistados têm, ao menos, o Ensino Médio completo (Tabela 2). A maior parcela, representada por 93 (61%) pessoas, concluiu a Pós-Graduação. Considerando que para o ingresso na pós-graduação é necessário o nível Superior Completo, temos um total de 136 pessoas com curso superior completo, ou seja, 89% dos entrevistados. A amostra ficou limitada a um grupo específico, visto que na população municipal, de acordo com o Censo de 2010, apenas 26% das pessoas com 25 anos ou mais de idade tinham este nível de escolaridade (Atlas Brasil, 2013).

Tabela 2 - Número de respondentes por nível de escolaridade.

Escolaridade	(n)	(%)
Fundamental incompleto	0	0
Fundamental completo	0	0
Médio incompleto	0	0
Médio completo	3	2
Superior incompleto	14	9
Superior completo	28	18
Pós-graduação incompleto	15	10
Pós-graduação completo	93	61

Profissão ou Ocupação: 44 (29%) entrevistados declararam ser professores, a segunda categoria com maior número de respondentes foi de biólogos, com 15 (10%) pessoas, seguida por estudantes (12 pessoas, 8%), funcionários públicos (8 pessoas, 5%) e empresários (7 pessoas, 5%). E 67 pessoas (43%) apontaram 37 atividades profissionais distintas (Tabela 3).

Tabela 3 – Número de respondentes por profissão ou ocupação.

Profissão/ Ocupação	(n)	(%)
Professor	44	29
Biólogo	15	10
Estudante	12	8
Funcionário Público	8	5
Empresário	7	5
Administrador	5	3
Aposentado	5	3
Jornalista	5	3
Psicólogo	5	3
Advogado	4	3
Arquiteto/ Urbanista	4	3
Designer	4	3
Bancário	3	2
Coordenador Pedagógico	2	1
Farmacêutico	2	1
Relações Públicas	2	1
Outros	26	17

Bairro de Residência: Para um melhor entendimento da distribuição dos moradores respondentes na cidade, utilizamos a classificação dos bairros em Regiões de Gestão de Planejamento do Orçamento Participativo, onde os bairros são agrupados por afinidade em oito regiões (Figura 1). A maioria dos respondentes, 55%, mora na região central (RGP1), onde reside 20% da população de Porto Alegre. Nas regiões 2, 5 e 6 moram, respectivamente, 13%, 5% e 15% dos respondentes. Nas regiões 3, 4, 7 e 8 residem apenas 12% dos participantes da pesquisa, entretanto, essas regiões abrigam 44% da população porto-alegrense (Tabela 4). Portanto, a amostra da pesquisa não segue a distribuição da população porto-alegrense nas regiões da cidade.



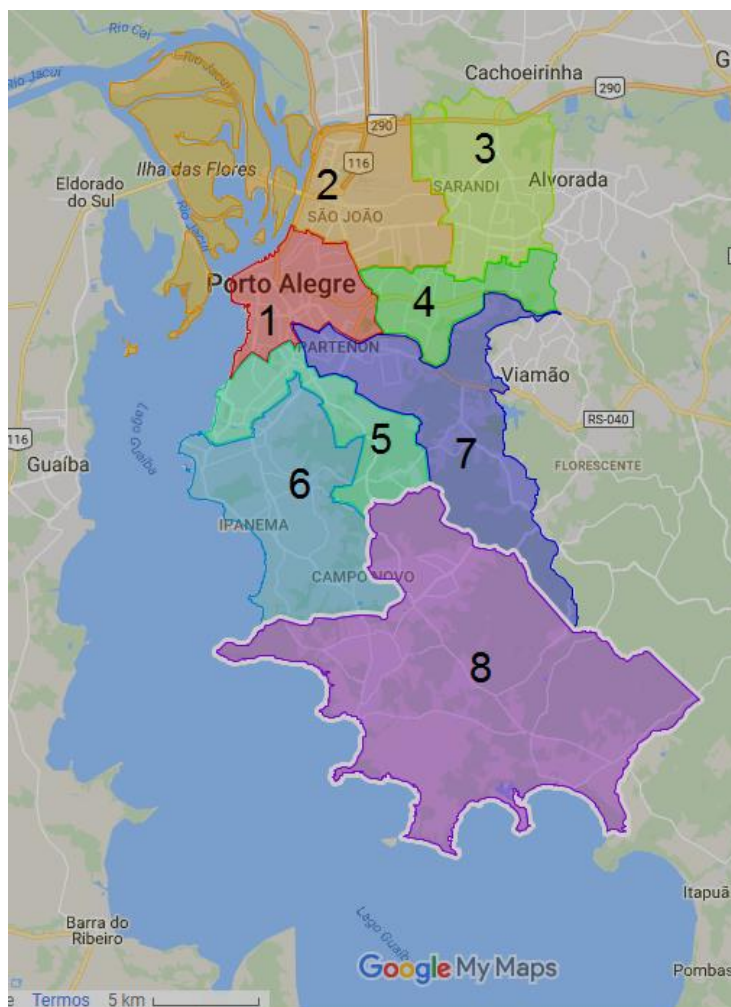


Figura 1: As oito Regiões de Gestão de Planejamento de Porto Alegre (OBSERVA POA, 2018) nas quais os bairros estão agrupados por afinidade.

1: RGP-1: Centro Histórico, Marcílio Dias, Floresta, Auxiliadora, Moinhos de Vento, Independência, Bom Fim, Rio Branco, Mont'Serrat, Bela Vista, Farroupilha, Santana, Petrópolis, Santa Cecília, Jardim Botânico, Praia de Belas, Cidade Baixa, Menino Deus, Azenha.

2: RGP-2: Farrapos, Humaitá, Navegantes, São Geraldo, Anchieta, São João, Santa Maria Goretti, Higienópolis, Boa Vista, Passo D'Areia, Jardim São Pedro, Vila Floresta, Cristo Redentor, Jardim Lindóia, São Sebastião, Vila Ipiranga, Jardim Itu, Arquipélago

3: RGP-3: Sarandi, Rubem Berta, Passo das Pedras

4: RGP-4: Três Figueiras, Chácara das Pedras, Vila Jardim, Bom Jesus, Jardim do Salso, Jardim Carvalho, Mário Quintana, Jardim Sabará, Morro Santana.

5: RGP-5: Cristal, Santa Tereza, Medianeira, Glória, Cascata, Belém Velho.

6: RGP-6: Camaquã, Cavalhada, Nonoai, Teresópolis, Vila Nova, Vila Assunção, Tristeza, Vila Conceição, Pedra Redonda, Ipanema, Espírito Santo, Guarujá, Serraria, Hípica, Campo Novo, Jardim Isabel

7: RGP-7: Santo Antonio, Partenon, Cel. Aparício Borges, Vila João Pessoa, São José, Lomba do Pinheiro, Agronomia

8: RGP-8: Restinga, Ponta Grossa, Belém Novo, Lageado, Lami, Chapéu do Sol.

Tabela 4 - Local de residência por Região de Gestão de Planejamento (RGP): número de respondentes e população de Porto Alegre

Região de Gestão de Planejamento	Respondentes (n)	Respondentes (%)	População de Porto Alegre* (%)
RGP1	84	55	19,6
RGP2	20	13	13,0
RGP3	4	3	13,6
RGP4	6	4	10,8
RGP5	8	5	9,6
RGP6	23	15	13,8
RGP7	6	4	12,9
RGP8	2	1	6,8

\*Fonte: ObservaPoa, 2018

#### Paisagens Afetivas:

Cada um dos 153 respondentes tinha a possibilidade de responder sobre uma ou duas Paisagens Afetivas (PAs) de Porto Alegre, totalizando 226 relatos de PAs, onde foram citadas 61 paisagens da cidade (Tabela 5).

A principal Paisagem Afetiva escolhida pelos respondentes foi a Redenção (Parque Farroupilha), com 72 citações, em seguida o lugar mais citado foi o Lago Guaíba, com 27 menções. Entre os variados locais, foram citados diversos parques e praças da cidade, incluindo o Jardim Botânico, morros, ruas e bairros, locais do patrimônio histórico, estádios de futebol, locais de oferta de serviços e também eventos ligados a estes lugares.

Tabela 5 – Lista de Paisagens Afetivas citadas e número de citações.

Paisagem Afetiva	n
Arena do Grêmio	2
Arquivo Público	1
Avenida Beira Rio	1
Bairro Auxiliadora	1
Bairro Bom Fim	6
Bairro Cavahada	1
Bairro Centro Histórico	1
Bairro Cidade Baixa	5
Bairro Floresta	1
Bairro Jardim Lindóia	1
Bairro Moinhos	1
Bairro Petrópolis	2
Bairro Santana	1

Bairro Sarandi	1
Bairros do extremo sul	2
Bar Von Teese	1
Biblioteca Pública Josué Guimarães	1
Brique da Redenção	3
Cais do porto	1
Casa de Cultura Mário Quintana	4
Estádio Beira Rio	3
Estádio Olímpico	1
Festa do pêssego na Vila Nova	1
Gasômetro	6
Guaíba (Lago, Praia e Orla)	27
Jangadeiros	1
Jardim Botânico	9
Mercado Público	8
Morro da Apamecor	1
Morro da Tapera	1
Morro do Sabiá	1
Morro Santa Teresa	1
Morro São Pedro	2
Parque Alim Pedro	1
Parque da Redenção (Parque Farroupilha)	72
Parque Germania	1
Parque Marinha	7
Parque Mascarenhas de Moraes	1
Parque Moinhos de Vento (Parcão)	7
Pista do IAPI	1
Pôr do Sol	2
Praça Comedador Souza Gomes	1
Praça da Alfândega	3
Praça da Alfândega – Feira do Livro	3
Praça da Encol	3
Praça da Matriz	3
Praça de Shiga	1
Praça do DMAE	2
Praça Júlio Aragão Bozano	1
Praça Reserva do Ibirama	1
Rua Bento Figueiredo	1
Rua Da República	1
Rua dos Andradas	1
Santander Cultural	1
Shopping Iguatemi	1
Shopping Viva Open Mall	1
Timbuca	1
UFRGS (Campus do Vale, Centro e ESEF)	7
Viaduto da borges	1
Vista da Cristiano Fischer	1
Vista do Quilombo dos Alpes	1
<hr/> Total	<hr/> 226

A partir da análise das respostas à pergunta “Porque esta paisagem é relevante para você?” foram criadas 12 categorias de motivos para a escolha dos locais. Cada um dos 226 relatos pôde ser enquadrado em uma até cinco categorias (Quadro 1). As categorias foram definidas a partir das respostas dos entrevistados e devido a esta definição arbitrária, pode ter ocorrido sobreposição das categorias e conseqüente subestimação do sentido pretendido em algumas respostas, como por exemplo: em um relato que cita “natureza”, pode estar implícito o sentido “estético” ou “terapêutico”, mas apenas o primeiro foi contabilizado pois os últimos não foram expressados explicitamente.

Quadro 1- As doze categorias de motivos para escolha das Paisagens Afetivas (PA), ordenadas em seqüência alfabética, seus indicadores e exemplos de trechos das respostas que foram classificadas em cada categoria.

Categorias de Motivos para escolha das PAs	Indicadores	Exemplos de respostas
Estética	Valorização da beleza cênica, cheiros, sons e vistas.	“Local com todos os cheiros e sabores da cidade.” “Pela beleza cênica (...) e pelo estímulo dos sentidos que proporciona!” “Gosto de ver o skyline do centro da cidade.” “Prédio lindo, arquitetura fenomenal, conservadíssimo”
Fase de vida	Relatos da infância, juventude, maternidade ou outra fase de vida. Memória e nostalgia.	“Meu pai me levava quando eu era criança, depois de adulta fiz passeios legais com meus amigos lá.” “Por que ali vi minha filha crescer.” “Passei ótimos momentos da minha juventude ali.”
Futebol	Estádios de Futebol	“Meu time e adoro futebol.” “Porque além de ser um local bonito e especial para realização de esporte e de shows musicais, está muito bem localizado com o Guaíba e um lindo pôr do sol ao fundo e ainda tem a paixão pelo clube.”
Lar	Referência à casa ou uma extensão dela.	“É onde cresci.” “É o meu quintal.” “É a rua onde moro e tenho muita sorte disso.”
Lazer	Momentos de lazer, inclui boemia e prática de esportes.	“Lembro de muitos passeios em família, almoços em finais de semana, feiras, encontros com amigos, festas.” “Porque eu corria com meus colegas na época do colégio.”

Natureza	Contemplação ou interação com elementos naturais e atividades ao ar livre.	"Comíamos pitangas das árvores, tomávamos banho no Guaíba, era muito bom!" "Pela biodiversidade de espécies de campo e florestas." "O contato com a natureza é algo que me faz falta na cidade e encontro isso lá" "Me remete ao interior do estado. Sem olhar para a cidade, olhando só para a água, arvores, pássaros."
Oferta de serviços	Locais que são frequentados em função dos serviços ou comércio oferecidos.	"Frequento a feira de orgânicos, o brique, o Araújo Vianna..." "Porque amo ler, lá há um acervo bem vasto de livros e não tem custo nenhum." "Gosto de comércio local em especial os cafés." "Tenho como o melhor local para ir com as crianças, tomar café, jantar, passear e até fazer algumas compras. "
Patrimônio	Referência à história humana e natural, arquitetura, cultura, etc.	"Costumava andar a pé observando as casas antigas, o museu, os bares e cafés. É um lugar de encontros, de trocas de ideias e de produção cultural. Efervescência cultural, pessoas a pé, monumentos históricos. Lugar de manifestações políticas e de shows populares." "Pelo significado histórico e evolutivo (do Morro)".
Relações de afeto	Convivência com amigos e familiares.	"Toda a minha vida se formou lá, amigos, amores, paixões." "É um lugar aonde as pessoas vão para se reunir com os amigos ou família." "Lá fui inúmeras vezes com pessoas que amo."
Rotina	Locais que são parte ou próximos a locais da rotina das pessoas (trabalho, estudos, casa, etc.).	"Passei quase toda minha vida orbitando este parque. Estudei no CMPA e na UFRGS. Morei perto. E hoje trabalho no CMPA." "Porque é na frente do meu trabalho." "Porque fiz minha formação nas instituições citadas e fui professora das duas." "Porque é linda e faz parte do meu trajeto e dos meus passeios"
Terapêutico	Local de descanso, tranquilidade e paz. Um local que por si só faz as pessoas se sentirem bem.	"Porque é um ambiente calmo e traz boas lembranças." "A lembrança do sol que nascia, a paz e o silêncio do lugar. Dose diária de otimismo e positividade." "Sempre me sinto bem perto da água, tenho uma boa relação com o rio e como aqui em Belém é "banhável" uso o caiaque."
Vivência	Interação com desconhecidos, sentimento de comunidade, diversidade e democracia	"Porque é um lugar emblemático, democrático, onde todos se encontram. É um lugar que tem alma." "Pela experiência de bairro a pé que tive na infância. Caminhar nas ruas, reconhecer as casas e pessoas, os comércios, as calçadas etc" "Pra mim representa diversidade, vida, cultura popular."

As categorias mais recorrentes foram “fase de vida”, “lazer”, “estética”, “natureza” e “relações de afeto” (Tabela 6).

Tabela 6 – Frequência de ocorrência de categorias de motivos para escolha das PAs e o número de PAs em que esses motivos são mencionados.

Categoria de motivos	Número de PAs	Percentual de PAs (%)
Fase de vida	80	35,4
Lazer	78	34,5
Estética	54	23,9
Natureza	49	21,7
Relações de afeto	46	20,4
Vivência	45	19,9
Patrimônio	33	14,6
Terapêutico	30	13,3
Oferta de serviços	29	12,8
Lar	24	10,6
Rotina	23	10,2
Futebol	6	2,7

#### 4. Discussão

##### 4.1 Categorias de motivos para a escolha das Paisagens Afetivas

A complexidade da relação pessoa-ambiente está não somente nos diversos olhares que podemos lançar sobre esta relação de troca, mas também na diversidade de locais, de experiências vividas por cada pessoa ou grupo e os significados gerados. Este tema que por si só já é instigante, se torna especialmente peculiar quando pensamos no ambiente urbano, um ambiente muitas vezes hostil e que abriga grande quantidade de pessoas de diversas origens e histórias. Através deste trabalho, procuramos identificar os locais na cidade que tem relevância afetiva para as pessoas e entender o motivo dessa relevância.

Assim como relatado em outros estudos (KORPELA; HARTIG, 1996; EISENHOWER, 2000; MANZO, 2005; MACEDO, 2008), as Paisagens Afetivas citadas pelos respondentes são locais comuns, habituais, espaços onde a vida acontece e em que as experiências ali passadas marcaram as pessoas de alguma forma. A ligação normalmente ocorre com lugares onde podemos ser e explorar quem realmente somos. Dessa forma, o sentimento de conexão a um lugar é fortemente baseado na nossa identidade social, ou seja, com quem e de que forma socializamos (MANZO, 2005). Assim, considerando a amostra de respondentes, que se restringiu a pessoas com alta escolaridade moradoras de regiões mais centrais da cidade, as Paisagens Afetivas

mencionadas neste trabalho podem não ser representativas para toda a população do município, mas sim para uma parcela dele.

Segundo Manzo (2005), as vivências significativas são aquelas que refletem a nossa própria jornada, e podem ser experiências negativas, positivas ou ainda ambivalentes. Em nosso estudo, nas respostas sobre Paisagens Afetivas, os participantes referiram-se a locais em que vivenciaram experiências e sentimentos aparentemente positivos. O significado gerado a partir das experiências relatadas se deram de duas formas: através de uma relação construída ao longo do tempo, ou uma lembrança de um momento específico e marcante. A primeira forma deriva de vivências recorrentes em um lugar, permitindo que a pessoa tenha uma variedade de experiências que vão sendo acumuladas em diversas camadas de significados (MANZO, 2005). Isso explica os vários motivos registrados pelos participantes para alguns lugares, indicando que a relação pessoa-ambiente é um processo contínuo, que sempre pode mudar ou adicionar novos significados. A segunda forma ocorre a partir de vivências singulares em momentos que representam um marco de mudança na vida da pessoa, como quando alguém chega à cidade pela primeira vez.

As doze categorias de afetos definidas neste trabalho com base nos motivos pelos quais as pessoas se sentem ligadas a um determinado local têm semelhança com os resultados de trabalhos de outros autores (EISENHOWER, 2000; BROWN; RAYMOND, 2007). É importante destacar aqui que pesquisadores de diversas áreas que estudam a relação pessoa-ambiente propuseram ao longo dos anos elementos básicos que constituem essa relação, revisados por Gustafson (2000). Podemos simplificar e resumir as principais propostas em três elementos básicos: (1) o componente físico do local; (2) as atividades/uso que as pessoas praticam no local e (3) o(s) significado(s) atribuído(s) pela pessoa ao local. Nossas categorias não foram criadas em função desses elementos básicos, mas resultaram da análise das respostas dos participantes. Ainda assim esses elementos estão contemplados dentro das categorias, mas de forma difusa. As categorias “Natureza” e “Estética” e, em alguns casos, a categoria “Patrimônio histórico/cultural” têm correspondência com os componentes físicos (ambientais), do primeiro elemento básico, conforme Gustafson (2000). Os relatos incluídos nestas categorias representam aproximadamente a metade dos motivos destacados pelos participantes para a escolha dos locais. O componente físico, mesmo quando não citado diretamente pelo respondente tem importância por ser indissociável da experiência naquele ambiente, sendo frequentemente a base para a ligação com o lugar (STEDMEN, 2003). Os relatos incluídos nas categorias

“Futebol”, “Lazer”, “Rotina” e “Oferta de Serviços” parecem se aproximar do segundo elemento básico de Gustafson (2000) e, finalmente, as categorias, “Fase de Vida”, “Lar”, “Relações de Afeto” e “Terapêutico” parecem compor fatores pessoais e socioculturais que as aproximam do terceiro elemento básico de Gustafson (2000). A seguir tentamos explicitar os sentidos que cada uma das categorias criadas em nosso trabalho pretende abarcar, as categorias estão ordenadas pela frequência de repostas nelas classificadas.

A categoria “**fase de vida**” foi a mais citada e está relacionada principalmente a um período do passado, expressa nostalgia, uma época em que a relação do entrevistado com o local foi marcante. As referências aparecem de forma mais generalizada ligadas à infância, à adolescência e à juventude. Ou ainda a momentos mais específicos associados a uma atividade de estudo, de trabalho, de chegada à cidade ou ainda à experiência da maternidade. Frequentemente as lembranças de “fase de vida” aparecem acompanhadas de “relações de afeto”, pois as memórias com amigos e familiares constituem uma importante ligação com estes locais (EISENHAUER et al, 2000). Os lugares também podem servir como um portal para o passado (MANZO, 2005), podendo, através de fotografias ou de menção ao lugar, evocar um acervo de sentimentos e experiências que trazem a memória de pessoas e de eventos passados, tornando-se um local cultivado com carinho nas lembranças, quando estas são positivas. Outra função que os lugares do nosso passado exercem é mais reflexiva, são uma forma de revisitar o “eu” do passado e analisar o desenvolvimento pessoal.

A categoria “**lazer**” envolve momentos e atividades recreativas, entretenimento. Inclui passeios, participação em atividades culturais, prática de esportes e boemia. Frequentemente as atividades de lazer estão relacionadas com “relações de afeto”. Assim como em outros trabalhos (EISENHAUER et al, 2000; BROWN; RAYMOND, 2007), atividades recreativas são um dos principais motivos que fazem os lugares especiais para os entrevistados, principalmente pelo fato de proporcionar momentos com pessoas que estimamos, assim como representar uma quebra em atividades e locais cotidianos.

As impressões sobre as características físicas do local são principalmente expressas através das categorias “**estética**” e “**natureza**”. A primeira categoria traz a experiência sensorial, a beleza, a vista, as cores, os cheiros, os sons e os gostos. A segunda expressa a contemplação e a interação com elementos naturais ao ar livre, como animais, plantas e o Lago Guaíba que banha toda a extensão oriental da cidade por mais de 70km de orla (GEHRKE, 2011). As características físicas do lugar trazem elementos que o tornam único e especial para o entrevistado, estando tais elementos entre os mais



importantes de conexão com o local (EISENHAUER et al, 2000; BROWN; RAYMOND, 2007). Foi observado que dentre os aspectos estéticos, os visuais foram os mais frequentes nas justificativas de escolha dos lugares, enquanto cheiros e sons foram pouco relatados, embora certamente também componham o prazer experimentado no local, mas sem que as pessoas tomem consciência desses aspectos.

As “**relações de afeto**”, que envolvem familiares e amigos, também se destacaram, e se mostraram um importante fator para o desenvolvimento de ligação com os locais (EISENHAUER et al, 2000, GUSTAFSON, 2001; BROWN; RAYMOND, 2007) e por isso acabaram por constituir uma das categorias de motivos para a escolha dos lugares, estas relações muitas vezes acompanham as categorias “fase de vida” e “lazer”, mostrando que as pessoas das nossas “relações de afeto” frequentemente estão presentes em lembranças do passado e em momentos de lazer marcantes.

“**Vivência**” é uma categoria que carrega o sentido da valorização de uma cidade feita por e para as pessoas. Essa categoria contempla as interações sociais com desconhecidos, nela foram classificados relatos de pessoas que celebram a experiência democrática, a diversidade sociocultural e o sentimento de comunidade. Em algumas circunstâncias, as características das pessoas que frequentam o ambiente acabam por caracterizar o lugar, dando a ele uma “atmosfera”, um “clima” (GUSTAFSON, 2001) Além do sentimento de pertencimento a uma comunidade pelo compartilhamento de interesses e de reivindicações comuns a um grupo, sugere uma maior sensação de segurança e de liberdade quando o espaço público é ocupado coletivamente.

Na categoria “**patrimônio**” estão inclusos relatos que fazem referência à história humana e natural principalmente representadas através da arquitetura ou da cultura, ou seja, estão inclusas referências a prédios e monumentos assim como a manifestações culturais e democráticas da cidade como feiras, festas e manifestações políticas. Uma categoria similar está presente no estudo de Brown e Raymond (2007), e, assim como em nossos resultados, figura entre as categorias de menor destaque.

“**Terapêutico**” trata do sentimento de tranquilidade, paz e/ou segurança que o local traz, Eisenhauer et al (2000) associa esta categoria à experiência de relaxamento e ao sentimento de satisfação pessoal. É uma categoria que apareceu frequentemente associada com a categoria “natureza”. Manzo (2005) relata que a maior parte dos entrevistados, em seu estudo em Nova York, relataram escolher espaços naturais para momentos reflexivos. Esta categoria também aparece como um dos principais motivos de

ligação das pessoas a uma área onde está inserido um parque nacional na Austrália (BROWN; RAYMOND, 2007).

A categoria “terapêutico” também está associada ao conceito de ambientes restauradores que tem como base a pesquisa de Kaplan e Kaplan (1989 apud ALVES, 2011) e Kaplan (1995). Ambientes restauradores são lugares onde conseguimos descansar a atenção direcionada - aquela que utilizamos para realizar tarefas específicas, suprimindo os estímulos ao redor – e diminuir a fadiga mental. Através de estudos que comparam a experiência em ambientes naturais com ambientes construídos, mostrou-se que os primeiros têm maior possibilidade de oferecer uma experiência restauradora. Inclusive a presença da vegetação em áreas urbanas mostrou um maior efeito restaurador quando comparadas com áreas sem vegetação (HERNANDEZ; HIDALGO, 2005). Para ser considerado um ambiente restaurador, este deve ter quatro características principais: escape, escopo, fascinação e compatibilidade. O primeiro, escape, refere-se à distância física ou conceitual do nosso cotidiano que este local proporciona. O escopo está relacionado a se dar conta do mundo ao redor ao qual estamos ligados, sentir-se parte de algo maior. A fascinação é aquilo que desperta nossa atenção involuntária, é um estado de despreocupação, onde diminuimos a atenção direcionada, pois ficamos admirados, pode ser uma cachoeira, a vida selvagem, o fogo. Por último, temos a compatibilidade que significa o quanto aquela paisagem ou atividade se encaixa nos gostos e na possibilidade de tempo e segurança de quem a está contemplando ou a praticando, respectivamente (ALVES, 2011).

Categoria “**oferta de serviços**” são lugares onde a presença de serviços ou comércio oferecidos são um atrativo para a visita e apego das pessoas. Esta categoria está presente em outros trabalhos (EISENHAUER et al, 2000; BROWN; RAYMOND, 2007), mas figura entre as razões menos frequentes dentre as que apareceram nas respostas dos participantes para justificar o afeto pelo local por eles escolhido. Os relatos coletados em nosso trabalho que foram inseridos nesta categoria, citam desde bares e cafés, onde temos encontros com familiares e amigos, passando pela biblioteca pública e feiras de rua, onde o convívio comunitário é facilitado, chegando até mesmo a referir grandes centros comerciais como shoppings. Esses últimos são tratados na literatura, juntamente com outros locais que tem como característica a facilidade de fazermos o maior número de tarefas em menos tempo (ex. supermercados e aeroportos), também considerados como “não lugares”. Segundo Augé (2005), são espaços não identitários, não relacionais e não históricos. Os não lugares são áreas onde a ação racional se impõe, são espaços de

passagem, onde cumprimos tarefas e não ficamos muito tempo. São locais com os quais não nos identificamos, nem nos relacionamos, levando a uma experiência de anonimato e solidão (SÁ, 2014). Mesmo assim, a “oferta de serviços” e os espaços correspondentes foram mencionados por alguns respondentes e por isso essa categoria de motivo para a escolha de Paisagens Afetivas foi proposta.

“**Lar**” é uma categoria que atribui a determinados locais o sentido de extensão da nossa casa e quem sabe até de nós mesmos. O lar é espacialmente o nosso ponto de partida, entendemos o restante do bairro e da cidade a partir dele (LEWICKA, 2011). A nossa casa representa um lugar de abrigo, aconchego, privacidade, identidade, conforto e familiaridade. Por estes motivos, o lar é considerado como o “lugar ideal”, onde temos nossa máxima expressão, uma extensão de nós mesmos. Enxergar lugares externos como nossa própria casa significa termos espaços em que transitamos e nos sentimos igualmente abrigados e identificados. Em pesquisas sobre o local favorito de idosos (MACEDO, 2008) e universitários (KORPELA; HARTIG, 1996), a casa ou o quarto são altamente citados. Porém, Manzo (2005) chama a atenção para a metáfora de lar como local de abrigo, conforto e segurança nem sempre ser aplicável, no sentido de que casa para algumas pessoas pode ser um local ameaçador e marcado por lembranças dolorosas de abuso e violência, por exemplo.

A “**rotina**” é uma categoria que abarca as justificativas para a escolha de paisagens afetivas por sua proximidade com o local de moradia, estudo ou trabalho, locais que fazem parte do caminho rotineiro. Além da proximidade espacial, também representa a frequência com que aquele lugar é visitado ou avistado. O tempo gasto nos lugares é uma das relações mais consistentes para o apego ao lugar (LEWICKA, 2011). Embora elementos do cotidiano não pareçam muito atraentes a princípio, certos locais do nosso trajeto diário podem nos surpreender com alguma característica especial ou ainda serem locais triviais que se tornam familiares e de valor, desafiando a posição dos locais de lazer – que oferecem algo único e fora da rotina – como um dos principais a serem cotados como especiais (EISENHAUER et al, 2000). A questão da rotina, considerando a facilidade de acesso pela proximidade, nos faz refletir sobre as paisagens disponíveis para diferentes grupos sociais na cidade. Trazendo à tona não somente a questão da infraestrutura que os diferentes bairros oferecem aos seus moradores e frequentadores, mas também a questão do transporte.

A categoria “**Futebol**” se fez necessária pela característica única que aparentemente a paixão pelo futebol desperta, podemos interpreta-la como um tipo de

tradição, passada pela família e/ou cultivada pelo respondente. As respostas relacionadas a esta categoria envolvem emoção e um forte sentimento de paixão e lealdade ao time e aos familiares ou companheiros que partilham do mesmo sentimento.

#### *4.2 Paisagens Afetivas de Porto Alegre que se destacaram*

Dentre os locais mencionados com maior frequência, a Redenção (Parque Farroupilha), foi o local mais citado com grande discrepância em relação aos demais. Dos 226 relatos de Paisagens Afetivas da cidade, o parque foi citado 72 vezes. A outra paisagem mais frequente foi o Lago Guaíba – incluindo sua orla e praias – que apareceram em 27 relatos. Como comentado anteriormente, as áreas naturais são uma preferência para aqueles que buscam lugares restauradores. Estudos dos últimos anos mostram que não apenas o “verde” tem um papel relevante, mas também as “áreas azuis”, nome que se refere as áreas com corpos d’água. A presença de água faz paisagens naturais e construídas serem mais restauradoras. Especula-se que a preferência por lugares com água tenha sido selecionada durante nossa história evolutiva, mas também se considera os padrões de reflexo na água, o som das ondas e a possibilidade de banhar-se como importantes fatores para o efeito restaurador (WHITE et al, 2010). Em estudo de GEHRKE et al. (2011) usuários da orla do Lago Guaíba relataram diferentes usos e opiniões sobre sua relação com o lago, mas concluiu-se que os principais atrativos da orla são seus elementos naturais, que deixam de ser usufruídos pela existência das barreiras de proteção de enchentes e falta de segurança e manutenção nas áreas de lazer.

Aqui, cabe tratar em maior detalhe a Redenção (Parque Farroupilha), cuja história se confunde, com a história de Porto Alegre e de seus habitantes. É inegável sua relevância como área de lazer, como espaço público e como ponto de encontro para a população da cidade (STIGGER et al, 2010).

Penso que todo porto-alegrense passou ou passa um momento de sua vida usufruindo a beleza do local. Ter uma área arborizada enorme de lazer no centro da cidade é privilégio de poucas cidades no mundo (Professor, 48-53 anos, morador do bairro Teresópolis).

Minha vida passa pela Redenção (Servidor público, 58-63 anos, morador do bairro Petrópolis).

Porque é um lugar a que vou com minha família quando quero estar em meio à população de POA, porque me sinto à vontade com as pessoas que

frequentam a Redenção (uma relação completamente diferente, por exemplo, do sentimento que experimento quando vou ao Parcão). Frequento a Redenção desde muito pequena (Professora, 53-58 anos, moradora do bairro Jardim Botânico).

A história deste espaço começou no início do século XIX, quando foi doado à cidade e denominado Potreiro da Várzea. Em 1867 recebeu o nome de Campos do Bom Fim e, em 1884, o parque passou a ser denominado Campos da Redenção em homenagem à libertação de pessoas escravizadas da Capital e, mesmo com a mudança do nome para Parque Farroupilha, em 1935, em função da comemoração do Centenário Farroupilha, a população ainda o chama de Redenção. O parque tem atualmente uma área de aproximadamente 37 hectares e fica localizado entre as avenidas Osvaldo Aranha e João Pessoa na região central da cidade. Em 1997 foi efetuado o tombamento do parque como patrimônio histórico, cultural, natural e paisagístico de Porto Alegre (SMAM, 2018).

Não à toa o Parque foi tão citado em nossa pesquisa, a Redenção recebe um grande fluxo de pessoas, especialmente nos fins de semana, que o visitam em busca dos seus diversos atrativos. Além da beleza paisagística, seus monumentos e diversidade de árvores, o parque possui parque infantil com roda-gigante, trenzinhos, carrinhos de choque etc., um lago, onde é possível andar de pedalinho, quadras para a prática de esportes, locais apropriados para caminhadas e passeios de bicicleta, áreas gramadas onde as pessoas podem sentar e recantos temáticos.

Frequentei muito, conheço cada canto do parque, adorava levar meu filho, adoro o espaço da prefeitura (Ramiro Souto) e as atividades oferecidas pra crianças, adultos e terceira idade, adorava ler, corrigir trabalho, pensar na vida, caminhar, olhar os peixes, as tartarugas, pegar amora e cereja com meu filho, ir ao orquidário, levar a rede pra deitar, olhar e curtir a imensa diversidade de gente que frequenta lá (Professora, 38-43 anos, moradora do bairro Rio Branco).

Frequentemente são realizados eventos a céu aberto no eixo central do parque, recebendo milhares de pessoas que vêm de todos os cantos da cidade. No Parque também estão localizados o Auditório Araújo Viana e o Mercado do Bom Fim. Aos finais de semana o Parque recebe feiras de rua: a Feira Ecológica, aos sábados, e o Brique da Redenção aos domingos (SMAM, 2018).

Cresci morando em frente e até hoje frequento semanalmente. Frequento a feira de orgânicos, o brique de domingo, o Araújo Vianna (Jornalista, 28-33 anos, moradora do bairro Petrópolis).

A Redenção (Parque Farroupilha), além de ser a Paisagem Afetiva mais citada, foi classificada em todas categorias de motivos de escolha de lugares, exceto Futebol. Os vários atrativos levam à diversificação de experiências vividas por cada pessoa e permitem a acumulação de significados variados ao longo do tempo. Em alguns casos, a variedade de experiências que o parque oferece é experimentada pelo mesmo indivíduo ao longo da vida, como mostra o relato a seguir:

Além de ser um cantinho lindo e arborizado, plural (agrega todos os tipos de pessoas!), de manifestações culturais, sociais e políticas, tenho muitas lembranças do parque. Passei muitos momentos importantes lá. É na frente do colégio onde estudei por 7 anos, onde tive aulas de educação física, onde durante o período universitário era o local de encontro com amigos (sempre no domingo, sempre na mesma árvore... era nosso local). Foi onde tive meu primeiro beijo e outros namoros! Onde de vez em quando encontro com o maracatu, com a feira orgânica, com o brique, com teatros, campeonatos de rap... perto da lancheria do parque e de outros cafés e restaurantes gostosos. Quase sempre que estou lá encontro alguém conhecido. É um lugar de encontros. Adoro a tranquilidade de estar na redenção nos dias de semana e na agitação de ver as pessoas saindo de casa no final de semana (Psicóloga, 28-33 anos, moradora do bairro Menino Deus).

Entre as várias categorias de motivos para a escolha do parque, gostaria de destacar a justificativa de ser visto como um local de diversidade de pessoas e de experiências democráticas (categoria “Vivência”).

Sinto liberdade ao caminhar nele. Acho um espaço democrático (Professora 48- 53 anos, moradora do bairro Bom Fim).

Porque pulula vida, verde, gente, alegria. Porque tem a feira ecológica e o brique. Porque o povo ainda usufrui do parque (Empresária, 43-48 anos, moradora do bairro Petrópolis).

É um local que gosto bastante de ir, é bastante multicultural, sempre encontro pessoas diferentes por lá, já conhecidas ou não. Fica próxima da faculdade em que estudei (Técnica de laboratório, 23-28 anos, moradora do bairro Itu-Sabará).

Os vários atrativos do Parque convidam a uma diversidade de usos e de pessoas, que se apropriam dos espaços. Uma vez que os locais com os quais nos conectamos estão muito relacionados a nossa identidade e a liberdade de sermos como realmente somos (MANZO, 2005), a Redenção faz muito bem esse papel. Ao percorrê-la em um final de semana é possível observar como abriga grupos variados. Os praticantes de esportes, os grupos de yoga, os malabaristas, os grupos em rodas de chimarrão, os coletivos em manifestações políticas, os músicos e dançarinos nos ensaios dos blocos de carnaval de rua, as famílias, os namorados, a área das pessoas com cachorros, as pessoas na feira, os moradores de rua, entre outras infinitudes de públicos. Segundo Lewicka (2011), os lugares que geram fortes laços são aqueles que conseguem ser um refúgio e uma ponte ao mesmo tempo. Um lugar coeso, que possui uma unidade e uma identidade, mas também aberto, convidativo e tolerante à diversidade. A Redenção é mesmo de todos, um local que é utilizado não apenas da forma tradicional e esperada, mas onde as pessoas se sentem autorizadas a moldar seu uso de formas criativas para as suas necessidades, criando grande vínculo com o local (GUSTAFSON, 2000).

#### *4.3 Reflexos na Educação Ambiental*

Por ter um papel cada vez mais importante em como as pessoas se enxergam e como agem em seus ambientes, a relação pessoa-ambiente vem se tornando um elemento importante dentro da Educação Ambiental. Uma vez que essa relação traz elementos da identidade e do afeto com certos locais, pesquisadores procuram relacionar esta ligação a um comportamento pró-conservação ambiental. Embora não se possa afirmar que a ligação afetiva cause este tipo de comportamento, observa-se que existe uma forte correlação (KUDRYAVTSEV et al, 2012). O que se sabe é que estes laços podem ser motivadores para as pessoas se informarem e participarem mais das decisões dos lugares aos quais se sentem conectadas. As pessoas se sentem motivadas a proteger lugares que são significativos para elas (MANZO; PERKINS, 2006), portanto, somos mais propensos a proteger os lugares, aos quais nos sentimos ligados contra ameaças que colocam em risco o significado daquele local, e a partir deste significado, sabemos os tipos de mudanças que queremos ou não.

No sentido de desenvolver a relação pessoa-ambiente, é comum pensarmos em ações que envolvam experiências positivas e frequentes com o local, mas também é possível criar significados através de narrativas acerca de uma paisagem, através de histórias escritas ou contadas oralmente, filmes, músicas, lendas, memórias contadas por

outras pessoas ou ainda a partir de representações visuais como fotografias, desenhos e pinturas. Afinal, o significado atribuído aos lugares está nas pessoas, não no local em si. O lugar, através de suas características físicas, inspira e baliza as possíveis experiências e significados, mas estes significados são criados, reproduzidos e modificados pelas pessoas (KUDRYAVTSEV et al, 2012).

Esta é uma possibilidade incrível para a Educação Ambiental, principalmente no ambiente escolar, onde muitas vezes pode ser difícil manter uma frequência de visitas a áreas externas à instituição. A Educação Ambiental na escola pode valorizar espaços do entorno, trabalhar a história da cidade ou do bairro em que está inserida, trazer a história contada por pessoas da comunidade que moram na localidade a muito tempo e as impressões dos próprios alunos sobre as suas experiências ou ainda promover um evento envolvendo amigos e familiares, ações que dão valor e aumentam a autoestima das pessoas e a ligação aquele lugar (LEWICKA, 2011; EISENHAUER, 2000). Ao mesmo tempo, a possibilidade de criação de significados para o ambiente, através de representações de determinadas paisagens, nos faz pensar sobre o que temos disponibilizado aos alunos através de recursos pedagógicos, como os livros didáticos de biologia do Ensino Médio, em que o ambiente urbano é retratado de forma muito negativa (DUARTE, 2014).

Para além da sala de aula, ações que tragam a história e o significado de paisagens da cidade para o dia a dia, através de materiais educativos, placas, mobiliário urbano, obras de arte que nos convidam a parar e observar, e quem sabe eventos que ofereçam à população o acompanhamento de guias que possam revelar o que está além do que se vê. Muitos dos valores históricos e culturais não estão disponíveis para serem vivenciados através da experiência direta apenas, sendo necessárias instruções e interpretações. Tanto em sala de aula como fora dela, uma abordagem mista, contemplando experiência direta e também narrativas sobre as paisagens, seria o ideal. Permitindo assim a atribuição de diferentes significados, com o intuito de promover diversas experiências nos locais. A narrativa do lugar pode ser tão importante que até mesmo visitantes esporádicos podem desenvolver significados para os lugares, contanto que tenham algum tipo de apoio na interpretação da história e significados da paisagem (KUDRYAVTSEV et al, 2012). É importante, porém, que essas práticas não sejam algo que se torne mecânico, temos que manter em mente a essência do olhar socioambiental, o qual está expresso neste trecho escrito por Isabel Cristina de Moura Carvalho:



Um dos maiores desafios da educação ambiental é aliar a educação dos afetos, que forma pessoas amorosas e sensíveis à natureza, a uma educação para a cidadania, que forma sujeitos atentos aos problemas socioambientais e capazes de interferir nas decisões da sociedade. O ideal da educação ambiental seria formar cidadãos amorosamente engajados na transformação das relações da sociedade com a natureza. A percepção de que tudo se correlaciona em relação no Universo leva a pensar o meio ambiente como o lugar do encontro entre a natureza e as relações sociais e históricas. Dessa maneira, não há como construir um ideal de convívio solidário com a natureza sem pressupor a transformação das relações sociais e culturais que constroem os modos individuais e coletivos de estar no mundo (CARVALHO, 1998)

Por isso investigar as Paisagens Afetivas para moradores da cidade pode fornecer pistas para a Educação Ambiental.

## 5. Considerações finais

A relação pessoa ambiente é um aspecto importante da vida humana e que frente aos desafios socioambientais vai fazer-se cada vez mais relevante, tanto para o bem-estar ambiental quanto para o nosso próprio – afinal, nunca foram independentes. As relações pessoa-ambiente diferem muito através do globo, mas como vimos neste trabalho, as necessidades e motivos que nos conectam com as paisagens que nos cercam se assemelham, envolvendo lembranças e experiências, principalmente de lazer, com pessoas que amamos. Em estudos futuros é importante que estejam inclusos grupos sociais mais diversos e que habitem diferentes regiões da cidade, pois o sentimento de conexão a um lugar é fortemente baseado na nossa identidade sociocultural, sendo possível a revelação de outras Paisagens Afetivas e motivos de relevância, assim como também devem ser consideradas diversidades geracionais, étnico-raciais, de gênero, de orientação sexual, de saúde etc., pois a experiência de grupos socialmente marginalizados em certos locais pode ser restringida pela ação de outros grupos.

Mesmo com suas limitações amostrais, o presente estudo produziu um mapeamento de Paisagens Afetivas e de motivos para elegê-las por uma parcela de moradores de Porto Alegre. Essas informações podem subsidiar propostas de Educação Ambiental que considerem os valores e os significados que as pessoas atribuem aos lugares, a fim de conservá-los e também de tornar viva a história desses locais.

## 6. Referência bibliográficas

ALENCAR, Helenira Fonseca. **Participação social e estima de lugar**: caminhos traçados por jovens estudantes moradores de bairros da Regional III da cidade de

Fortaleza pelos mapas afetivos. 2010. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil.

ALVES, Susana M. Ambientes restauradores. **Temas básicos em psicologia ambiental**, p. 44-52. Petrópolis: Vozes, 2011.

AUGÉ, Marc. Não-lugares. **Introdução à uma antropologia da supermodernidade**, São Paulo: Papirus, 1994

BOMFIM, Zulmira Aurea Cruz. Afetividade como potência de ação para enfrentamento das vulnerabilidades. **A Psicologia Social e os atuais desafios ético políticos no Brasil. Porto Alegre: ABRAPSO**, p. 375-389, 2015.

BRASIL. Decreto nº 4.281/2002. Regulamenta a Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 de junho de 2002.

BRASIL. Ministério da Educação; Conselho Nacional de Educação; Conselho Pleno. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=1\\_0988-rcp002-12-pdf&category\\_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1_0988-rcp002-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192) Acesso em 30 maio 2018.

BRASIL. Ministério da Educação; Conselho Nacional de Educação; Conselho Pleno. **Parecer sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Parecer CNE/CP nº 14 de 06 de junho de 2012. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=1\\_0955-pcp014-12&category\\_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1_0955-pcp014-12&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192) Acesso em 24 maio 2018.

BROWN, Gregory; RAYMOND, Christopher. The relationship between place attachment and landscape values: Toward mapping place attachment. **Applied geography**, v. 27, n. 2, p. 89-111, 2007.

CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana MA. Espaço e lugar. **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

CIDIN, Renata da Costa Pereira Jannes; DA SILVA, Ricardo Siloto. Pegada ecológica: instrumento de avaliação dos impactos antrópicos no meio natural. **Estudos Geográficos**: Revista Eletrônica de Geografia, v. 2, n. 1, p. 43-52, 2007. Disponível em: [http://www.ifba.edu.br/professores/armando/eng531/Unid%20I/Artigo\\_Pegada\\_ecologica.pdf](http://www.ifba.edu.br/professores/armando/eng531/Unid%20I/Artigo_Pegada_ecologica.pdf) Acesso em 28/06/2018

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental. **Cadernos de educação ambiental**. Brasília: IPÊ-Instituto de Pesquisas Ecológicas, 1998.

DUARTE, Leonardo Machado. Caracterização de ambientes urbanos em livros didáticos de biologia do ensino médio. 2014. Trabalho de Conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

EISENHAUER, Brian W.; KRANNICH, Richard S.; BLAHNA, Dale J. Attachments to special places on public lands: An analysis of activities, reason for attachments, and community connections. **Society & Natural Resources**, v. 13, n. 5, p. 421-441, 2000.

GEHRKE, Amanda Elisa Barros; RUGE, Diana; FEDRIZZI, Beatriz. Percepção ambiental dos frequentadores da orla do lago Guaíba na cidade de Porto Alegre-RS. **Encontro Nacional sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis**, v. 6, 2011.

GUIMARÃES, Paulo Ricardo Bittencourt. Métodos quantitativos estatísticos. Curitiba: Iesde Brasil S.A., 2008.

GUSTAFSON, Per. Meanings of place: Everyday experience and theoretical conceptualizations. **Journal of environmental psychology**, v. 21, n. 1, p. 5-16, 2001.

HERNÁNDEZ, Bernardo; HIDALGO, M. Carmen. Effect of urban vegetation on psychological restorativeness. **Psychological reports**, v. 96, n. 3\_suppl, p. 1025-1028, 2005.

JACOBI, Claudia. **Ecologia Urbana: O sistema urbano é um ecossistema**. 2014. Disponível em: < <http://www.icb.ufmg.br/big/beds/arquivos/ecourbana.pdf> > Acesso em: 02/08/2014.

KORPELA, Kalevi; HARTIG, Terry. Restorative qualities of favorite places. **Journal of environmental psychology**, v. 16, n. 3, p. 221-233, 1996.

KUDRYAVTSEV, Alex; STEDMAN, Richard C.; KRASNY, Marianne E. Sense of place in environmental education. **Environmental education research**, v. 18, n. 2, p. 229-250, 2012.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Educação ambiental no Brasil: o que mudou nos vinte anos entre a Rio 92 e a Rio+ 20. **ComCiência**, n. 136, 2012.

LEWICKA, Maria. Place attachment: How far have we come in the last 40 years?. **Journal of environmental psychology**, v. 31, n. 3, p. 207-230, 2011.

MACEDO, Danielle et al. O Lugar do Afeto, o Afeto pelo Lugar: O que Dizem os Idosos?. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 4, p. 441-449, 2008.

MANZO, Lynne C. For better or worse: Exploring multiple dimensions of place meaning. **Journal of environmental psychology**, v. 25, n. 1, p. 67-86, 2005.

MARTINE, George. O lugar do espaço na equação população/meio ambiente. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 24, n. 2, p. 181-190, 2007.

MÜLLER, Adalberto. Paisagens afetivas em “Viajo porque preciso, volto porque amo”. **Revista Colóquio/Letras**. Notas e Comentários, n. 181, p. 180-189, 2012.

OBSERVA POA. Regiões de Gestão de Planejamento – PPDUA. **Observatório da cidade de Porto Alegre.** Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?ll=-30.099902117593345%2C-51.15885700000001&z=11&mid=1LaqTjU6VQHR9aq5e1XJFTf1GGrY> Acesso em 24/04/2018

OBSERVA POA. Séries históricas - Regiões. **Observatório da cidade de Porto Alegre.** Disponível em: [http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=0\\_0\\_0](http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=0_0_0) Acesso em 30/04/2018

OCHOA, Carlos. Amostragem não probabilística: Amostra por conveniência. **Blog da Netquest**, v. 21, 2015. Disponível em: <https://www.netquest.com/blog/br/blog/br/amostra-conveniencia> Acesso em 02/05/2018.

QUINTANA, Mário. **Apontamentos de história sobrenatural.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

ONU - NAÇÕES UNIDAS. **Transformando nosso mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável.** 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/> Acesso em 15/05/2018.

SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. **Tempo Social**, v. 26, n. 2, p. 209-229, 2014.

SMAM – Secretaria do Meio Ambiente. **Parque Farroupilha (Redenção)** Disponível em: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/default.php?p\\_secao=201](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/default.php?p_secao=201) Acesso em 04/06/2018.

STEDMAN, Richard C. Is it really just a social construction?: The contribution of the physical environment to sense of place. **Society & Natural Resources**, v. 16, n. 8, p. 671-685, 2003.

STIGGER, Marco Paulo; MELATI, Fernanda; MAZO, Janice Zarpellon. Parque Farroupilha: memórias da constituição de um espaço de lazer em Porto Alegre, Rio Grande do Sul–Brasil. **Journal of Physical Education**, v. 21, n. 1, p. 127-138, 2010.

UN – UNITED NATIONS, United. World urbanization prospects: The 2014 revision, highlights. department of economic and social affairs. **Population Division**, United Nations, 2014.

WHITE, Mathew et al. Blue space: The importance of water for preference, affect, and restorativeness ratings of natural and built scenes. **Journal of Environmental Psychology**, v. 30, n. 4, p. 482-493, 2010.

## 7. APÊNDICE A – Modelo do questionário sobre Porto Alegre e suas Paisagens Afetivas

### Pesquisa sobre Porto Alegre – RS

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa vinculada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sobre a cidade de Porto Alegre - RS. Sua participação é voluntária e não trará prejuízo ou benefício direto a você, mas será necessário disponibilizar alguns minutos para responder estas perguntas. Pedimos seu comprometimento com as respostas para obtermos o diagnóstico mais fiel possível da realidade. Os dados serão tratados de forma absolutamente anônima e os resultados serão divulgados em eventos ou publicações científicas, mas sem a identificação dos participantes. Agradecemos sua colaboração. Qualquer dúvida, entre em contato com as pesquisadoras responsáveis por este projeto: Paula ([paulabfagundes@gmail.com](mailto:paulabfagundes@gmail.com)) e Russel ([russeltdr@gmail.com](mailto:russeltdr@gmail.com)). Para responder esta pesquisa é necessário ser morador de Porto Alegre - RS

*\*Obrigatória*

1. Você é morador de Porto Alegre - RS e concorda em participar desta pesquisa? \*

- Sim
- Não

2. Idade:

- Até 18 anos
- 18 - 23 anos
- 23 - 28 anos
- 28 - 33 anos
- 33 - 38 anos
- 38 - 43 anos
- 43 - 48 anos
- 48 - 53 anos
- 53 - 58 anos
- 58 - 63 anos
- 63 - 68 anos
- 68 - 73 anos
- 73 - 78 anos
- 78 - 83 anos
- 83 - 88 anos
- Acima de 88 anos

3. Sexo: \*

- Feminino
- Masculino
- Outro: \_\_\_\_\_

4. Escolaridade: \*

- Fundamental incompleto
- Fundamental completo
- Médio incompleto
- Médio completo
- Superior incompleto
- Superior completo
- Pós-graduação incompleto
- Pós-graduação completo

5. Profissão/Ocupação: \*

\_\_\_\_\_

6. Qual sua cidade natal? \*

- Porto Alegre
- Outra: \_\_\_\_\_

7. Há quanto tempo você mora em Porto Alegre? \*

\_\_\_\_\_

8. Qual o bairro que você reside atualmente? \*

\_\_\_\_\_

9. Você já morou fora de Porto Alegre? \*

- sim
- não

10. Em caso afirmativo, onde e por quanto tempo você morou?

\_\_\_\_\_

11. Como é sua relação com a cidade de Porto Alegre? \*

Sinta-se a vontade para nos contar sua história, experiências e como você se relaciona com Porto Alegre. É uma boa relação? Ela muda com o tempo ou bairro onde mora? Conte-nos!

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

12. Você se considera participativo dentro da sua comunidade/bairro/cidade? \*

- Sim
- Não

13. Em caso afirmativo, de que forma você participa?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

14. Se Porto Alegre fosse uma pessoa, como ela seria? \*

Você pode caracteriza-la utilizando tanto características físicas como de personalidade.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## Paisagens afetivas de Porto Alegre

Nesta pesquisa consideramos paisagem afetiva QUALQUER ESPAÇO ABERTO AO PÚBLICO do município de Porto Alegre - RS, seja ele construído ou natural, aberto ou fechado. Pedimos que pense em locais importantes, relevantes PARA VOCÊ na cidade, locais com que tenha alguma relação afetiva (positiva ou negativa), podendo ser uma relação antiga ou recente com o local.

15. Liste até 5 locais (paisagens afetivas) que são importantes/relevantes para você em Porto Alegre \*

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

A seguir, pedimos que reflita sobre quais destas paisagens é a sua favorita e detalhe a sua relação com este local. Caso não consiga se decidir em apenas uma, você pode nos dar mais detalhes sobre outra paisagem mais abaixo.

### Paisagem afetiva 1:

16. Nome e/ou localização aproximada \*

\_\_\_\_\_

17. Porque esta paisagem é relevante para você? \*

---



---

18. Qual sentimento este local desperta em você? \*

---

19. Escolha três palavras que sintetizem este local: \*

Pode ser qualquer palavra que remeta a este local, não necessariamente um sentimento ou adjetivo.

---

20. Este local precisa alguma melhoria? Qual? \*

---

Responda as seguintes afirmações sobre este local (paisagem afetiva) de acordo com o que você sente em relação a este.

Marque 1 para "discordo totalmente" e 5 para "concordo totalmente"

21. **É um local agradável.** \*

*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	
discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	concordo totalmente

22. **Me sinto em casa neste local.** \*

*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	
discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	concordo totalmente

23. **Gosto deste local, mas tem alguns problemas.** \*

*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	
discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	concordo totalmente

24. **Me sinto seguro neste local.** \*

*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	
discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	concordo totalmente

## Paisagem afetiva 2:

As questões a seguir são opcionais, caso não tenha interesse em responder, role a tela até o final.

25. Nome e/ou localização aproximada da Paisagem afetiva 2:

---

26. Porque esta paisagem é relevante para você?

---



---

27. Qual sentimento este local desperta em você?

---

28. Escolha três palavras que sintetizem este local:

Pode ser qualquer palavra que remeta a este local, não necessariamente um sentimento ou adjetivo.

---

29. Este local precisa alguma melhoria? Qual?

---

Responda as seguintes afirmações sobre este local (paisagem afetiva 2) de acordo com o que você sente em relação a este.

Marque 1 para "discordo totalmente" e 5 para "concordo totalmente"

30. **É um local agradável.**

*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	
discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	concordo totalmente

31. **Me sinto em casa neste local.**

*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	
discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	concordo totalmente

32. **Gosto deste local, mas tem alguns problemas.**

*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	
discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	concordo totalmente

33. **Me sinto seguro neste local.**

*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	
discordo totalmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	concordo totalmente

**Chegamos ao final!**

34. Algo a mais que você gostaria de falar que não foi contemplado nas questões anteriores?

---

35. Alguma consideração, crítica ou sugestão sobre a pesquisa que acabou de responder?

---

Muito obrigada pela participação e pela disponibilidade do seu tempo!